

INTRODUÇÃO À SINTAXE

META

Expor informações básicas sobre sintaxe.

OBJETIVOS

Ao final desta aula o aluno deverá:

levar o aluno a compreender o que seja sintaxe de regência, de colocação e de concordância.

PRÉ-REQUISITOS

Estudos básicos de sintaxe.



(Fonte: <http://www.gettyimages.com>).

INTRODUÇÃO

Vamos aprender um pouco de sintaxe? O que você acha desse assunto já tão discutido no nível médio? Parece algo incompreensível. Para muitos alunos, não há jeito de se armazenarem tantas informações e reter na mente as aulas vistas. No entanto, você pode compreender melhor, evitando decorar o assunto. É só entrar no mundo das relações sintagmáticas.

Estruturas sintáticas são estruturas da sintaxe. O termo *sintaxe* vem do grego antigo *śyntaxis*, substantivo verbal que literalmente significa *arranjo* ou *colocação junto*. Tradicionalmente, ele se refere ao ramo da gramática que se ocupa dos meios pelos quais as palavras, com flexões apropriadas, são combinadas para mostrar conexões dentro da frase.



(Fonte: <http://www.gettyimages.com>).

O QUE É SINTAXE?

A Sintaxe é parte da gramática que estuda a combinação de palavras ou sintagmas para formar frase, bem como a função dessas palavras ou sintagmas dentro da frase.

Lembremos que frase ou enunciado com sentido completo é uma unidade sócio-comunicativa mínima, ou seja, funciona satisfatoriamente na comunicação por se bastar do ponto de vista semântico-discursivo. Assim, um enunciado como ‘Socorro!’ (frase situacional) é uma frase. A frase é sempre acompanhada de uma melodia que lhe é característica, única marca que nos permite reconhecer a sequência linguística como frase, no que respeita àquelas que não apresentam verbo. Vejam mais um exemplo: ‘Que loucura!’(frase nominal).

Já a oração (frase verbal) é uma estrutura linguística que pode apresentar um sujeito e um predicado. Nessa estrutura, o predicado é condição da sua existência. Vejamos o exemplo: “Joãozinho dormiu”. Nessa sequência, ‘Joãozinho’ é o sujeito e ‘dormiu’ o predicado. Somente as orações que constituem unidades sócio-comunicativas atingem o ‘status’ de frase, pois por sabemos que há orações que não têm o sentido completo, não sendo frases.

Além do enfoque à Morfologia para entendermos os estudos morfossintáticos, nesta disciplina nos deteremos na exposição do sujeito do período simples e nas funções sintáticas ligadas ao sujeito. Não nos cabe expor o período composto, assunto que será visto em Língua Portuguesa II.

O QUE É UM SINTAGMA?

Em sentido restrito, um sintagma é uma construção que se faz no plano das estruturas sintáticas, tendo lexias (unidade de comportamento de um vocábulo, dentro de uma unidade maior) como constituintes. O elemento necessário, pressuposto para que ele se configure, é um substantivo ou um verbo; um ou outro podem articular-se ou não como elementos marginais, inclusive com outros sintagmas, de valor adjetival ou adverbial. Da articulação entre um sintagma nominal (SN) e um sintagma verbal (SV) nasce a oração “*Pássaros voam*” e “*Os pássaros de plumagem colorida voam sobre a lagoa do Pantanal*” a mesma oração. Segundo Hjelmslev, a oração “é a maior unidade linguística cuja análise pode conduzir à formação de padrões estruturais invariantes”. O conjunto desses padrões constituirá a tipologia das orações possíveis em uma língua.

A oração é o tipo frasal dominante em português, ou seja, a frase verbal que aparece com mais frequência na estrutura sintática da língua portuguesa. A oração é uma unidade de nível superior, pois estabelece uma conexão sintática entre dois ou mais elementos sintáticos. Em “*Má-*

rio olha a rua”, não há apenas três elementos sintáticos, mas quatro e o quarto elemento é o conjunto, ou seja, a oração. Na frase: “*Chove*” há um elemento no centro, sem nenhum marginal, mas a comunicação se estabeleceu porque o verbo foi um elemento suficiente, tendo em vista o contexto em que ele se colocou. Na oração *Chove* não se deu essa conexão porque não houve uma relação de dependência entre dois elementos. Temos uma frase verbal unimembre, isto é, estruturada em um único elemento.

As estruturas sintáticas em português pressupõem um princípio organizatório da frase. Quando as palavras se organizam em sintagmas, e estes em orações, fazem-no graças à conexão em ter um termo central (regente, subordinante) e um termo marginal (regido, subordinado). A frase nominal e a frase verbal (oração) organizam-se por subordinação. Nenhuma frase se formaliza unicamente pela coordenação de seus termos; coordenam-se termos em uma frase já estruturada por subordinação. Sequências de nomes coordenados não constituem uma estrutura frasal; cada um deles é, por si, uma frase nominal unimembre.

Nas relações de dependência que se estabelecem entre dois elementos desses, um é o central, o outro é o marginal. (como já dissemos no parágrafo anterior). O marginal pressupõe o central, mas o inverso não é verdadeiro.

Pode-se dizer que, na sílaba, a consoante pressupõe a vogal; no vocábulo, afixos pressupõem um radical; no sintagma nominal, o artigo e o adjetivo pressupõem um substantivo; na oração, o pressuposto é o verbo, elemento central com que se articulam os demais, imediata ou mediatamente. Muitas de nossas gramáticas, certamente orientadas pela NGB, que é o roteiro oficial, não se aproximam as noções de regência e subordinação, só mencionado esta última quando vão tratar do período composto. A gramática tradicional propõe uma divisão da sintaxe, colocando os seguintes aspectos como subdivisão do fenômeno sintaxe:

- a) de concordância
- b) de regência
- c) de colocação

A NGB não esclarece a relação hierárquica que há entre eles; já Flávia Carone explica a seguinte ordem para mecanismos sintáticos, pelo nível de importância:

Regência – é a própria alma da sintaxe, pois diz respeito às relações de dependência entre as partes.

Colocação – é apenas um dos procedimentos gramaticais de que se vale a língua para estabelecer a regência.

Concordância – é o ocasional reforço morfológico de uma relação sintática.

A REGÊNCIA

A regência, vista num primeiro aspecto, consiste na subordinação pela preposição, de um substantivo a outro (regência nominal) e na relação subordinada pela preposição, de um complemento ao verbo (regência verbal). Como sabemos, a eliminação dos casos nominais latinos, em romance, deu ao uso das preposições uma relevância fundamental como instrumento sintático.

A regência nominal pode ser vista, em muitos casos, entre um adjetivo e um substantivo ou palavra com “valor de substantivo”. Vários tipos de preposições podem ser usadas nestas construções sintáticas, a depender do termo regente:

- *Ele é natural de Alagoas*
- *A fome é nociva ao talento humano*
- *Os poderosos não têm respeito ao (para com o, com) o trabalho do proletário.*
- *O menino estava curioso de (por) folhear os diversos livros.*

Na regência verbal, as preposições essenciais (a, para, em, de por, com, etc.) associam-se a determinados verbos para a eles subordinarem os complementos básicos que necessariamente os acompanham. Assim, os complementos, com exceção do objeto direto e de algumas circunstâncias adverbiais, caracterizam-se por uma preposição, cuja significação gramatical com eles se combina de modo especial. É costume dizer que um verbo pode exigir uma dada preposição, mas o que há na realidade é aparecimento sistemático de certo tipo de complemento com determinado verbo. E, por sua vez, o tipo de complemento condiciona a escolha da preposição a na regência do complemento do verbo *aspirar*. Do mesmo modo, o verbo *incorporar* pode ter um complemento com a preposição em (lugar), a (direção) ou com (associação). Às vezes – é certo – trata-se de uma “servidão gramatical” na fase atual da língua. Assim, o complemento de *gostar* é com a preposição de, em virtude da significação primeira do verbo (tomar o gosto ou sabor). Quando o complemento era “partitivo” (ie) indicava a pequena porção que era destacada para aquele fim. É claro que a significação gramatical das preposições abrange necessariamente o plano fundamental locativo, e o das relações dele derivado. Neste último se acha a significação de referência da preposição a (que está ligada a sua função no objeto indireto), o de finalidade da preposição para a, a de meio da preposição por, e assim por diante.

A interdependência entre o nível abstrato das significações gramaticais das preposições e o nível da expressão locativa é bem ilustrada com a regência para indicar o agente na frase nominal dita “passiva”, que, como sabemos, resulta da transposição de uma frase verbal, em que o objeto direto passa a sujeito paciente. Era a preposição de que regia o complemento de agente na fase arcaica da língua e esse uso persiste esporadicamente na língua literária:

“Quem de muitos é temido, a muitos teme.”

Na fase clássica começa pela preposição por:

Este menino é amado por todos.

Observada sob um segundo prisma, a regência se estabelece no nível sintático, numa relação segundo o qual constituinte incluídos em unidades maiores se relacionam assimetricamente. A idéia é que um constituinte determina, de alguma maneira, a forma do outro. Em português, podemos ver este fenômeno entre o *sujeito* e o *verbo*, por exemplo, ou entre os constituintes de um sintagma nominal. A regência também, se manifesta sob a forma de concordância e de aparecimento dos pronomes oblíquos. Assim, diz-se que o verbo concorda com o sujeito, ou seja, o sujeito determinaria a forma do verbo. Podemos encaixar o fenômeno de concordância dentro de uma categoria geral de “regência” entendida como uma classe de fenômenos de vinculação entre os termos particulares de estruturas. O caso da ocorrência de pronomes oblíquos, como em:

-Romeu comeu a melancia

O. D.

Consequência diretamente visível de uma função sintática.

-Romeu comeu-a.

Neste caso, parece ser um fenômeno mais complexo que o da concordância, porque não são tão claros quais os termos vinculados: objeto direto será uma relação entre um sintagma nominal e o verbo da oração, ou antes, entre um sintagma nominal e o todo da oração?

Conforme analisamos, parece-nos que as estruturas sintáticas estão em função da regência, fator principal das relações sintáticas.

A CONCORDÂNCIA

Dissemos que a concordância é um ocasional reforço morfológico de um processo sintático, em uma relação que existiria sem ele. Quando alguém fala ou escreve: *nóis tá bem* ou *nóis tá mior*, não se deixou de estabelecer uma relação sintática, embora não tenha ocorrido concordância entre os termos do sintagma oracional. O emissor conseguiu se comunicar, utilizando a língua popular, sem deixar de lado a ordem, ou seja, o mecanismo sintático de colocação. E houve uma relação de subordinação com o sujeito *nóis*, termo regente, e o predicado *tá mior*, termos regidos.

No caso da coordenação de dois ou mais substantivos, cria-se um problema para se associar a todos eles um dado adjetivo, como já tratamos anteriormente: *A e amizade verdadeira*. Para expressões como essa, a língua

criou alternativa de uma concordância global, com o objetivo no plural masculino, usado bastante na língua literária: *amor e amizade verdadeiros*.

A concordância verbal é em português o mecanismo sintático fundamental para a indicação de um substantivo sujeito: *Pedro e Joaquim chegaram*. Caso inventarmos a posição a posição do predicado podemos dizer: *Chegou Pedro e Joaquim* – verbo anteposto concorda com o mais próximo.

A COLOCAÇÃO

É o terceiro mecanismo sintático para relacionar os constituintes em relação uns aos outros. Esse mecanismo não existia no latim, pois a colocação era inteiramente livre, do ponto de vista gramatical. Havia naturalmente colocações mais usuais, mas que em nada concorriam para a apreensão do significado frasal.

Em português, a colocação não se fixou rigidamente (como ocorreu na língua francesa), mas já figura como um mecanismo sintático, embora um tanto precário.

Há um princípio básico que consiste em atribuir ao último termo do enunciado o máximo valor informativo. Podemos observar diferentes sentidos informativos para uma mesma frase ao se alterar a colocação:

- *Eu saio às três horas.* – (A que horas?)
- *Às três horas eu saio.* – (O que eu faço às três horas?)
- *Às três horas saio eu.* – (Quem sai às três horas?)

É esse o processo que está imanente na colocação para o adjetivo e substantivo no grupo nominal. Tanto é possível a anteposição do adjetivo ao substantivo, quanto a sua posposição. A posposição é uma pauta fundamental, porque a função do adjetivo é acrescentar uma nova informação a respeito do substantivo. É essencialmente um elemento descritivo, suplementar para a informação contida no substantivo.

- *Amigo fiel / Fiel amigo*

A posposição é um dado importante, porque dela resulta uma estrutura sintática muito nítida, principalmente quando há dois nomes em sequência, como determinado (substantivo) e determinante (adjetivo) e nenhum deles tem marca formal ou semântica de adjetivo, neste caso a colocação do adjetivo é em segundo lugar:

- *Amigo urso.* (amigo ingrato)
- *Urso amigo.* (urso companheiro)

Vimos que a anteposição do adjetivo é possível como recurso estilístico, pois está condicionada à alteração da sua carga informativa. Em outros termos, a posposição do adjetivo é essencialmente denotativo; isso contrasta com a predominância de uma conotação, mas ou menos forte, que a anteposição do adjetivo implica. Compreende-se que os adjetivos de predicados de fácil repercussão conotativa são indiferentes quanto à colocação.

- *Eu sou feliz.*
- *Feliz eu sou.* (mais enfático).

CONCLUSÃO

A sintaxe é uma área de estudo também importante para a produção de texto; a organização da estrutura frasal em processos sintáticos, lógicos e ajustados à regência, colocação e concordância exigidas permite a elaboração de textos coerentes e coesos. A compreensão de processos sintáticos possibilita ainda a interpretação correta das ideias transmitidas pelo texto e um melhor conhecimento da relação que as palavras estabelecem e suas funções no grupo em que se inserem.

RESUMO



Esta aula trata da sintaxe, definindo-a como área de estudo da língua que se ocupa das funções que uma palavra ou expressão exerce no grupo de que faz parte, além de apresentar divisões da sintaxe.

Vimos que em regência, colocação e concordância são mecanismos sintáticos, sendo a regência a alma da sintaxe, pois estabelece um princípio de subordinação entre pares, que é a base da comunicação linguística. A sintaxe de colocação pode alterar sentidos ou ainda tornar o texto mais claro ou enfático. O terceiro e último aspecto é a concordância, pois sua ausência não desorganiza a frase; apenas deixa de estabelecer a harmonia necessária para dar elegância ao enunciado.

Outro assunto abordado na aula é a importância do sintagma, por ser constituinte básico da oração; esta é vista como unidade de comunicação que contém verbo (SV) associado a um substantivo ou palavra de função substantiva (SN). Logo, entendemos que o elemento principal para o estudo da sintaxe é a frase verbal a que chamamos de período.

ATIVIDADES

1. O que você entendeu por sintaxe? Cite as divisões da sintaxe na gramática e a ordem de importância segundo a linguística.
2. Explique o que é sintagma nominal e exemplifique numa frase.
3. Por que numa oração não pode faltar o sintagma verbal?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Leia o texto da aula e pesquise em gramática o que seja regência, colocação e concordância.

Sobre o sintagma nominal, lembramos que o nome é substantivo, e todo sintagma nominal tem como núcleo um substantivo. Uma frase pode ter vários sintagmas nominais.

Para a terceira questão, observe o verbo, como núcleo do SV, elemento nuclear, básico da oração; o verbo se associa ao substantivo (SN) para com ele constituir uma frase. Sem o verbo não há oração, a não ser que ele esteja elíptico (escondido) e possa ser retomado facilmente.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, José Carlos de. **Iniciação à Sintaxe do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática do português**. São Paulo: Nacional, 1972.
- CARONE, Flávia de Barros. **Morfossintaxe**. 5 ed. São Paulo: Ática, 1985.
- KURRY, Adriano da Gama. **Novas lições de análise sintática**. São Paulo: Ática, 1985. Série Fundamentos.
- PERINI. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática 1986.